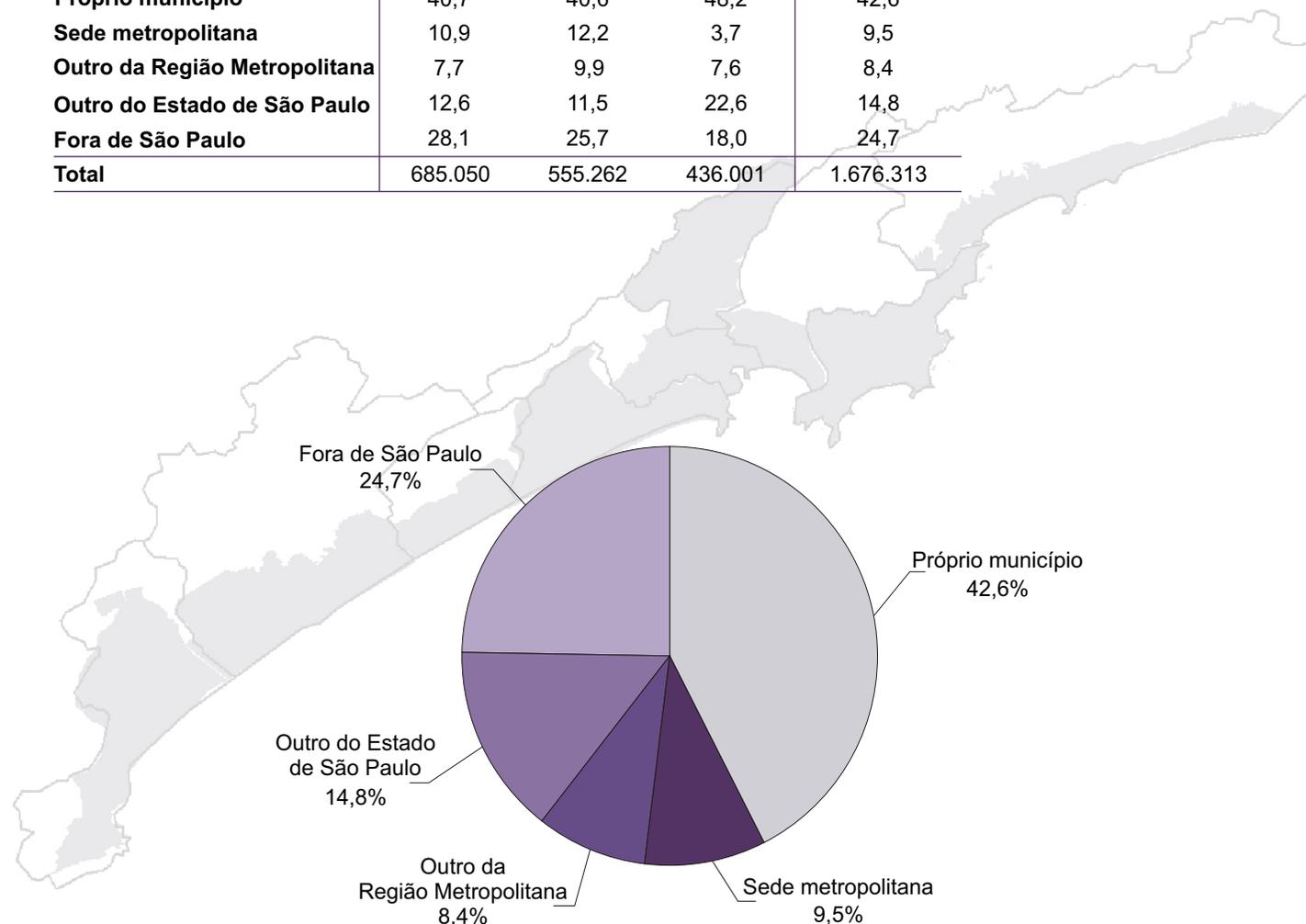




4. Mobilidade espacial

População residente urbana por naturalidade, segundo Zonas de Vulnerabilidade

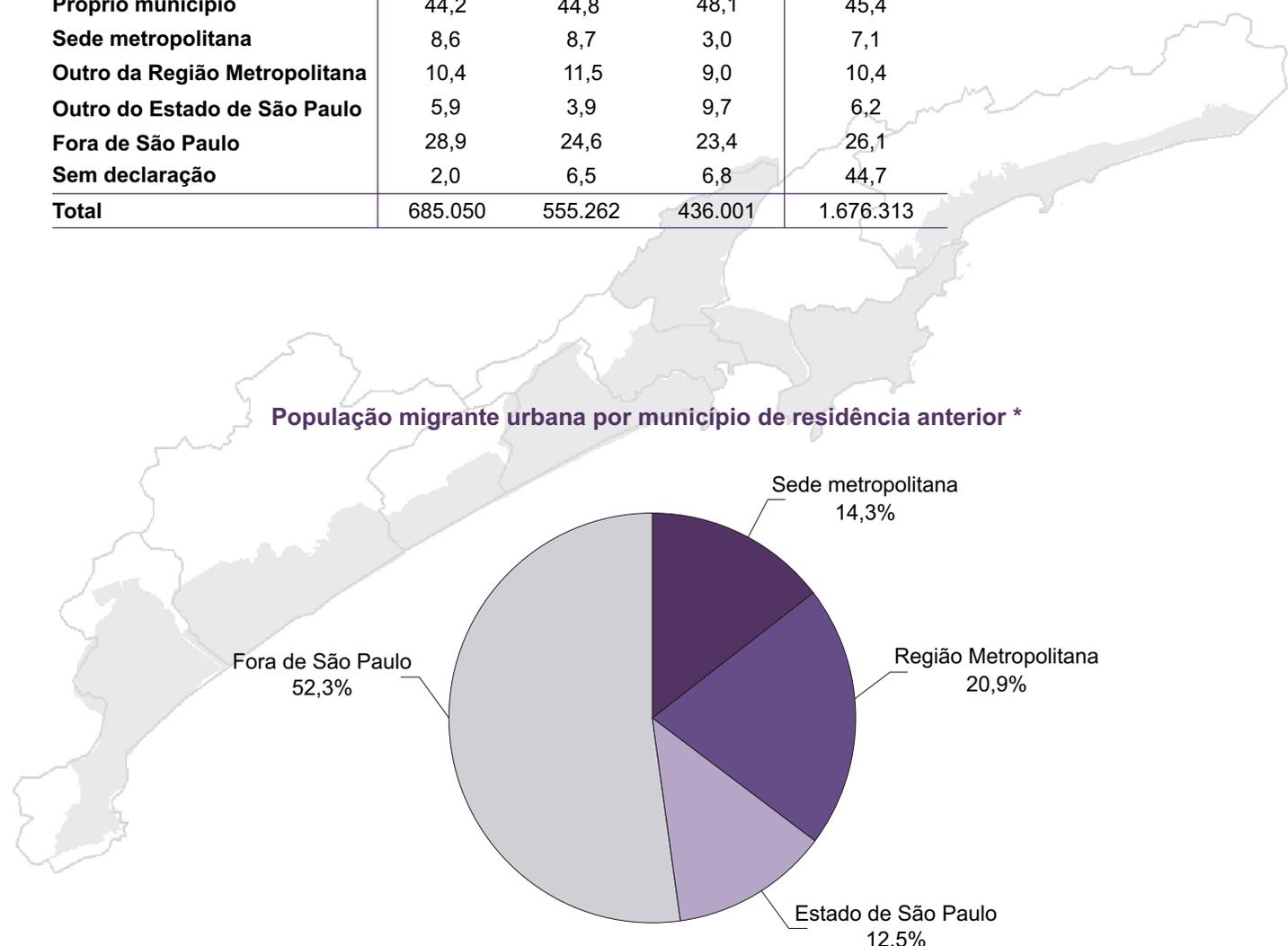
Município de nascimento	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
Próprio município	40,7	40,6	48,2	42,6
Sede metropolitana	10,9	12,2	3,7	9,5
Outro da Região Metropolitana	7,7	9,9	7,6	8,4
Outro do Estado de São Paulo	12,6	11,5	22,6	14,8
Fora de São Paulo	28,1	25,7	18,0	24,7
Total	685.050	555.262	436.001	1.676.313



No período 1991/2000, a migração respondeu por cerca de 40% do crescimento demográfico da RMBS, fato que reflete a importância dessa variável na dinâmica populacional regional, ainda que esta tenha sido muito mais importante no passado. Essa relevância se reflete na composição da população segundo a naturalidade. Como se observa nos dados apresentados, embora a maior parte da população da Baixada seja natural da própria região (60%) e 43% tenham nascido no próprio município onde residiam no momento da entrevista, ainda existe um percentual próximo a 40% de pessoas que nasceram fora da região. Desse grupo, 15% são naturais de outro município do paulista e 25% nasceu fora do estado de São Paulo. Desagregando estes valores segundo as ZVs, percebe-se inicialmente que a ZV1 e a ZV2 possuem uma participação um pouco maior de pessoas naturais da sede metropolitana, em relação à ZV3 – o que seria de se esperar, já que a ZV3 está, em grande parte, contida na sede metropolitana. O grande diferencial entre as ZVs, em especial da ZV3 com relação às demais, diz respeito aos naturais do estado de São Paulo, uma vez que a primeira registra um percentual bem mais elevado (23%); em contrapartida, percebe-se que nas áreas mais periféricas e mais vulneráveis, a participação dos migrantes de outros estados é sensivelmente maior (28% na ZV1, contra 18% na ZV3). Tais resultados revelam algumas das facetas do processo migratório envolvendo a região: a sede metropolitana parece ter uma relação mais intensa com o estado de São Paulo – em especial, com a capital – sendo que as demais áreas apresentam maior predominância de migrantes de origem interna e de fora do estado.

População residente urbana por município de residência anterior, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Município de residência anterior	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
Próprio município	44,2	44,8	48,1	45,4
Sede metropolitana	8,6	8,7	3,0	7,1
Outro da Região Metropolitana	10,4	11,5	9,0	10,4
Outro do Estado de São Paulo	5,9	3,9	9,7	6,2
Fora de São Paulo	28,9	24,6	23,4	26,1
Sem declaração	2,0	6,5	6,8	44,7
Total	685.050	555.262	436.001	1.676.313



(*) não considera os migrantes "sem declaração" de residência anterior

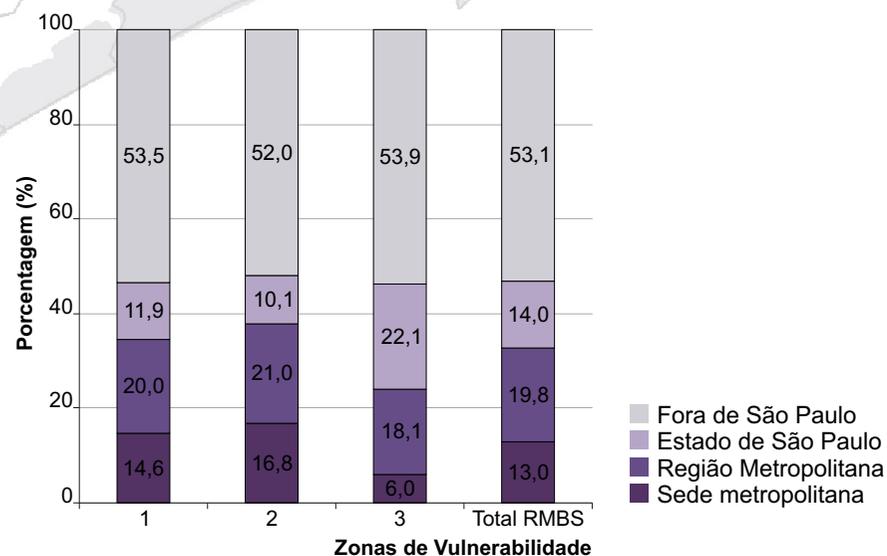
Outra maneira de se conhecer as características da migração regional é a partir da identificação do último local de residência dos migrantes. Tendo em vista o alto grau de mobilidade espacial da população, nem sempre o local de nascimento fornece uma boa indicação dos fluxos migratórios envolvendo a região.

A partir dessa nova informação, constata-se que pouco menos da metade da população residente na Baixada Santista apresentou como residência anterior um município distinto daquele em que residia no momento da entrevista. Pelo gráfico apresentado, constata-se que destes, 52,3% tinham como última residência algum município de fora do estado de São Paulo, 12,5% no próprio estado e mais de 35% se constituíram de migrantes que se deslocaram dentro da própria região (14% desde a sede regional e 21% de outras áreas). Os dados da tabela mostram ainda as especificidades com relação às zonas de vulnerabilidade. Nesse caso, percebem-se basicamente as mesmas diferenças apresentadas no caso do lugar de nascimento: as ZVs 1 e 2 apresentavam maior proporção de migrantes provenientes de fora do estado de São Paulo, sendo que esta era a origem mais freqüente para os migrantes da ZV3. Vale também destacar que na ZV3 a proporção de pessoas não migrantes, ou seja, cujo município anterior era o mesmo da entrevista é bem superior, particularmente se comparado com a ZV1 e a ZV2.

Responsáveis pelos domicílios urbanos por município de residência anterior, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Município de residência anterior	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
Próprio município	23,5	26,5	34,7	27,8
Sede metropolitana	10,9	10,9	3,4	8,6
Outro da Região Metropolitana	14,9	13,6	10,3	13,1
Outro do Estado de São Paulo	8,9	6,6	12,6	9,3
Fora de São Paulo	39,8	33,7	30,8	35,2
Sem declaração	2,0	8,7	8,1	6,0
Total	215.917	172.827	168.883	557.627

Responsáveis pelos domicílios urbanos migrantes por município de residência anterior, segundo Zonas de Vulnerabilidade *



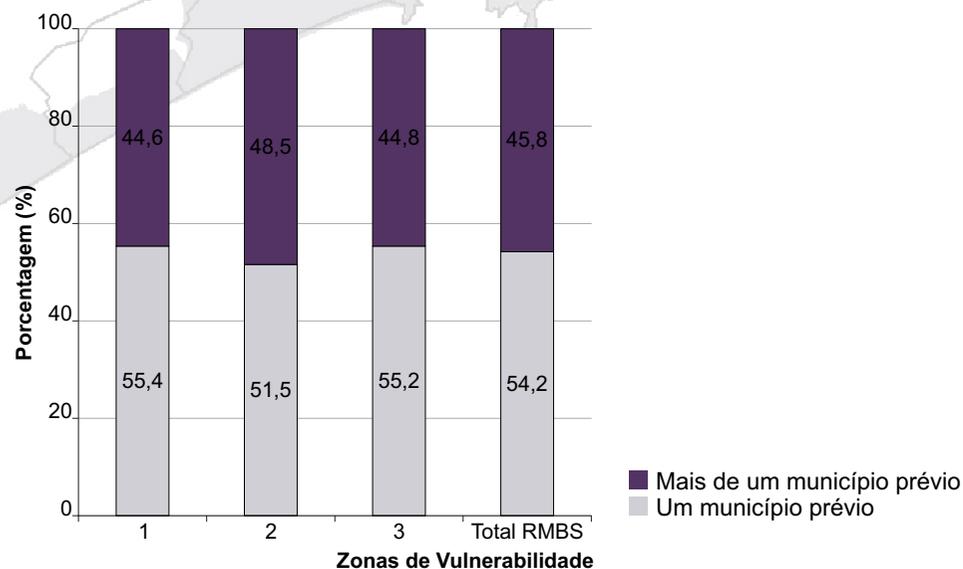
(*) não considera os migrantes "sem declaração" de residência anterior

Observando-se o local da residência anterior (apenas dos responsáveis pelos domicílios), o primeiro ponto a se destacar é o aumento significativo de migrantes, em comparação à população total, contemplada na informação anterior (mais de 72%, contra 55%). Contudo, deve-se destacar que a distribuição segundo última residência permanece praticamente a mesma (ou seja, cerca de um terço de fora do estado de São Paulo, outros dois terços divididos entre o próprio estado e a própria região metropolitana). Percebe-se pelo gráfico que tanto a ZV1 quanto a ZV2 se diferenciam com relação à ZV3 pela maior predominância de migrantes provenientes da sede regional. Por sua vez, a ZV3 se destaca pela importância da migração proveniente do próprio estado.

Responsáveis pelos domicílios urbanos por número de municípios de residência prévia, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Número de municípios prévios	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
0	23,5	34,5	27,2	28,0
1	42,3	33,6	40,0	38,9
2 ou mais	34,1	31,7	32,4	32,8
Sem declaração	0,2	1,2	0,4	0,2
Total	215.917	172.827	168.883	557.627

Responsáveis pelos domicílios urbanos migrantes com ao menos um município de residência prévia, segundo Zonas de Vulnerabilidade *



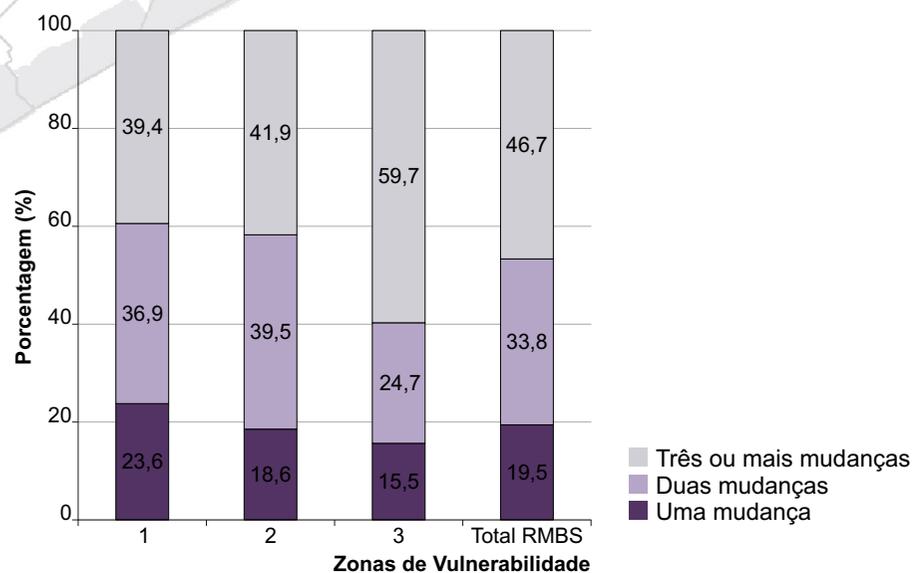
(*) não considera os migrantes "sem declaração" de residência anterior

O número de municípios pelos quais passou um determinado indivíduo é um bom indicador da complexidade da trajetória migratória que envolve a chegada deste ao destino final. No caso dos dados aqui apresentados para os responsáveis pelos domicílios urbanos, pode-se constatar que, na Baixada Santista, cerca de um terço deles mudaram-se mais de uma vez antes de chegarem ao município da região onde residiam no momento da entrevista. A maior parte dos responsáveis (39%) veio diretamente para o município de residência atual, sendo que menos de 30% eram não migrantes. De certa forma, este mesmo perfil se mantém nas ZVs 1 e 3, mas se modifica sensivelmente na ZV2, onde se observa uma proporção bem mais elevada de não migrantes (35%). Seja como for, é interessante notar que a trajetória de parte significativa dos migrantes chegados à região envolve mais de uma mudança, o que para muitos deles deve ser resultado da mudança do município de residência dentro da própria região, fato, aliás, ressaltado a partir dos dados anteriormente apresentados.

Responsáveis pelos domicílios urbanos por número de mudanças dentro do município de residência, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Número de mudanças	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
Nenhuma	32,3	27,0	24,7	28,3
1	15,7	13,0	11,5	13,6
2	24,6	27,7	18,3	23,6
3 ou mais	26,3	29,3	44,1	32,6
Sem declaração	1,1	3,0	1,5	1,8
Total	215.917	172.827	168.883	557.627

Responsáveis pelos domicílios urbanos com ao menos uma mudança intra-municipal por número de mudanças, segundo Zonas de Vulnerabilidade



Uma informação interessante para se entender melhor o processo de ocupação do espaço metropolitano em geral, e dos municípios em particular, diz respeito à mobilidade intramunicipal. Esse dado, relativamente novo levantado na pesquisa domiciliar, mostra que, na RMBS, a maior parte dos responsáveis pelos domicílios realizou três ou mais mudanças dentro do município de residência atual (32,6%), fato que revela a intensidade da mobilidade intra-urbana existente na área. Seguem em importância aqueles chefes que nunca se moveram (28,3%) ou que fizeram duas mudanças (23,6%). Esse dado torna-se ainda mais interessante se observado a partir da ZVs. Assim, enquanto as ZVs 1 e 2 apresentam um perfil parecido com o da região como um todo, na ZV3 se registra uma participação muito maior dos responsáveis com três mudanças ou mais (44%). Este dado, considerado juntamente com a informação anterior sobre o número de mudanças de município, sugere que a população menos vulnerável e em melhores condições socioeconômicas tenderia a ter menor mobilidade intrametropolitana, muito embora tivesse maior tendência a mudanças dentro do próprio município, fato que se mostra coerente com as possibilidades de escolha que outro estrato socioeconômico apresentaria.

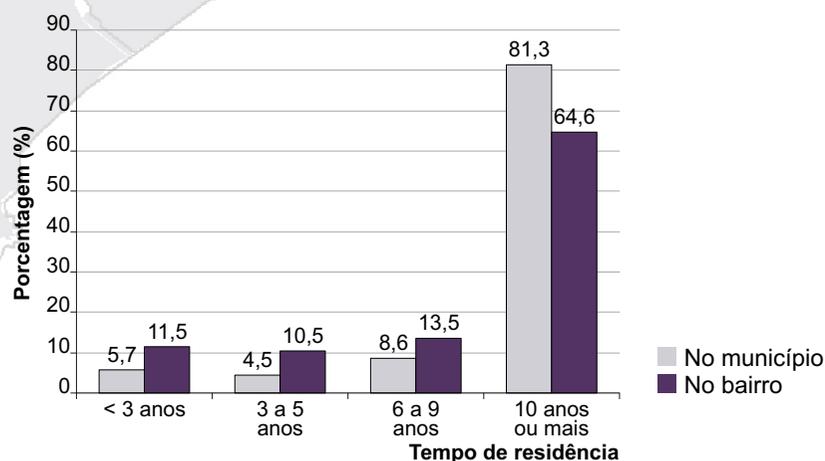
Responsáveis pelos domicílios urbanos por tempo de residência no município, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Tempo de residência	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
< 3 anos	5,5	6,1	5,4	5,7
3 a 5 anos	3,6	4,9	5,3	4,5
6 a 9 anos	10,6	5,5	9,1	8,6
10 anos ou mais	80,3	83,6	80,3	81,3
Total	215.917	172.827	168.883	557.627

Responsáveis pelos domicílios urbanos por tempo de residência no bairro, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Tempo de residência	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
< 3 anos	9,2	14,2	11,4	11,5
3 a 5 anos	7,5	10,8	13,8	10,5
6 a 9 anos	15,9	9,8	14,2	13,5
10 anos ou mais	67,4	65,2	60,6	64,6
Total	215.917	172.827	168.883	557.627

Responsáveis pelos domicílios urbanos por tempo de residência no município e no bairro

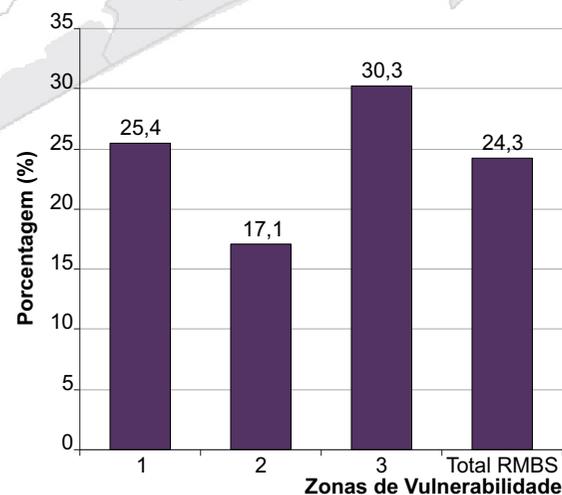


Com o dado relativo ao tempo de residência no município, pode-se não apenas identificar as "ondas" migratórias pelas quais passa a área, mas também constatar o peso da migração mais recente. Por outro lado, esta informação cotejada com o tempo de residência no bairro permitiria algumas inferências sobre o grau de mobilidade existente em nível intra-urbano. Se, por um lado, se observa que um número superior a 80% dos responsáveis pelos domicílios urbanos declararam viver há mais de 10 anos em suas residências, o mesmo não se verifica no bairro, já que menos de 65% apresentavam essa duração (ver também o gráfico). Este fato reforça a idéia de haver significativa mobilidade intramunicipal. Em termos gerais, o comportamento do tempo de residência no município evidencia uma grande concentração de pessoas com durações mais longas e uma divisão relativamente equitativa nas durações menores (até 9 anos). Percebe-se ainda que os migrantes mais recentes (menos de 3 anos) representavam cerca de 30% daqueles que chegaram ao município há menos de 10 anos. Comportamento similar se observa no caso do tempo de residência no bairro, não obstante o percentual de pessoas que se moveram mais recentemente ser significativamente maior no caso desse tipo de movimento. Chama a atenção, no entanto, os comportamentos distintos dessas variáveis em termos das ZVs, sendo perceptível que a ZV2 é aquela onde são observadas as maiores concentrações de migrantes com menos de 3 anos de residência, tanto no município quanto no bairro. Por ser essa a zona que contempla localizações intermediárias, tanto no que se refere aos níveis socioeconômicos da população, quanto em termos geográficos (entre a orla e a periferia mais distante), pode-se pensar que tal comportamento estaria revelando que se trata de uma área onde a mobilidade intrametropolitana poderia estar operando com mais intensidade, o que, de fato, foi mostrado anteriormente pelos dados relativos ao município de residência anterior. É interessante notar que esse mesmo padrão de comportamento por ZVs se repete quando se considera o tempo de residência no bairro. Estes dados, portanto, sugerem ao menos dois elementos interessantes: o primeiro, que a mobilidade intramunicipal tem papel importante na distribuição da população regional; o segundo, que as zonas de menor vulnerabilidade tendem a concentrar migrantes de menor duração de residência - o que indica provavelmente o processo mais intenso de renovação urbana e/ou substituição de população nestas áreas.

Responsáveis pelos domicílios urbanos por condição de emprego na chegada, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Chegou com emprego garantido?	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
Sim	25,4	17,1	30,3	24,3
Não	74,6	82,9	69,7	75,7
Total	129.310	98.695	92.853	320.858

Percentual dos responsáveis pelos domicílios urbanos que chegaram à região com emprego garantido, segundo Zonas de Vulnerabilidade

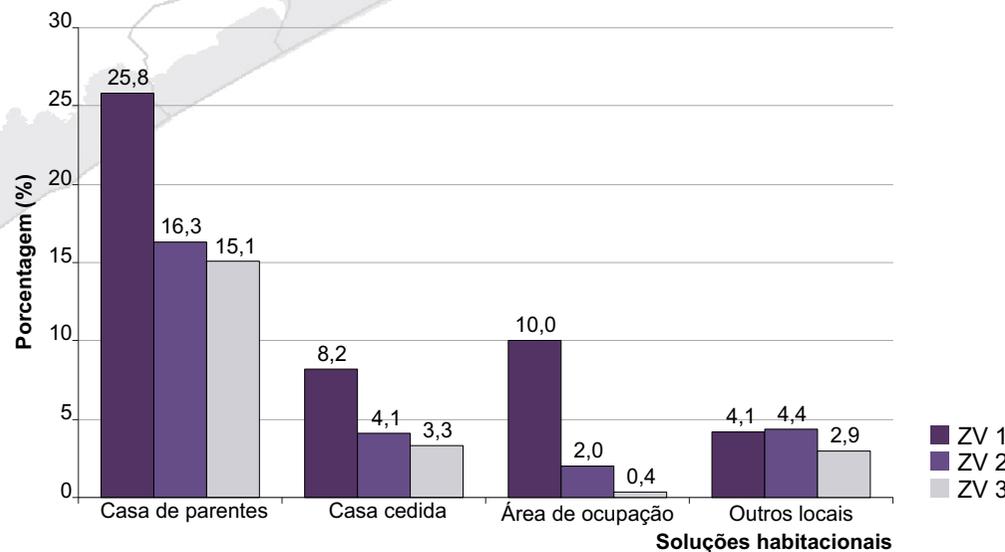


Pode-se dizer que a busca por trabalho talvez seja a principal motivação para a migração, particularmente aquela de longa distância. No entanto, o simples fato de migrar não implica, necessariamente, uma garantia de solução do problema laboral, razão pela qual mobilizar-se com um emprego garantido acaba sendo uma grande vantagem. Como se percebe pelos dados aqui apresentados, na RMBS, a grande maioria dos responsáveis pelos domicílios que lá chegaram veio sem emprego garantido (76%), muito embora chame atenção que quase um quarto destes tenham conseguido essa tipo de segurança. Mesmo considerando apenas os migrantes responsáveis por domicílios mais recentes (com menos de 10 anos de residência) – o que poderia alterar o quadro anterior em função de que muitos destes poderiam ter chegado no passado muito jovens com a família –, esse percentual ainda mantém-se elevado, 68,2% (dados não apresentados). Essa condição, essencial para a redução da vulnerabilidade das pessoas, apresenta marcadas diferenças quando avaliadas a partir das ZVs. De fato na ZV3, áreas onde vivem os menos vulneráveis, o percentual de pessoas que vieram com garantia de emprego é mais elevado, chegando a representar quase o dobro da ZV2. Novamente chama atenção o comportamento da ZV1, onde o percentual de pessoas nessa condição atinge um nível intermediário e próximo à média regional. No entanto, é interessante notar que o gráfico ao lado mostra que, do total de pessoas que chegaram sem emprego garantido, a maior parte delas vivia nas ZVs 1 e 2 – em particular na primeira, mostrando assim maior coerência com a situação destas pessoas em termos das suas condições socioeconômicas.

Responsáveis pelos domicílios urbanos por local de moradia quando chegou à região, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Onde foi morar na chegada?	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
Casa própria	20,0	24,3	40,5	27,3
Casa alugada	31,8	49,0	37,8	38,8
Casa de parentes	25,8	16,3	15,1	19,8
Casa cedida	8,2	4,1	3,3	5,5
Área de ocupação	10,0	2,0	0,4	4,7
Outros locais	4,1	4,4	2,9	3,9
Total	128.719	98.078	93.559	320.356

Percentual dos responsáveis pelos domicílios urbanos com soluções habitacionais alternativas ao chegar à região, segundo Zonas de Vulnerabilidade

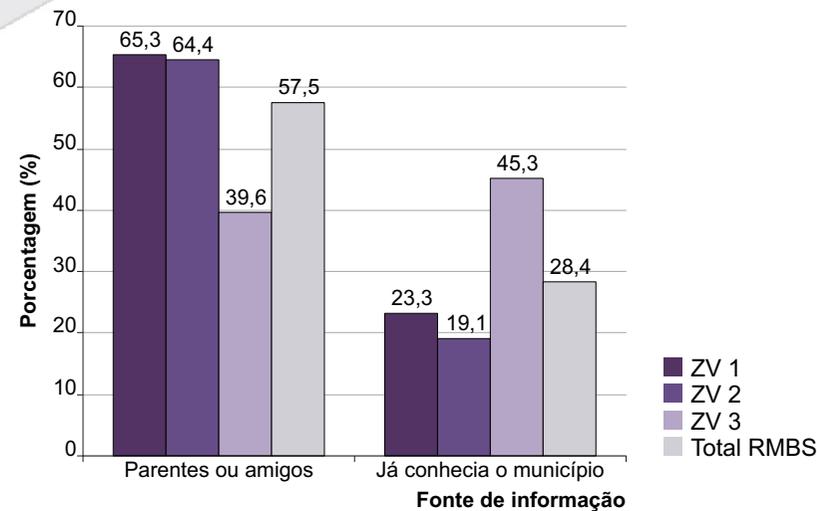


Os custos e riscos que envolvem a decisão de migrar, via de regra, são fatores importantes a se considerar, em especial para a população de mais baixa renda uma vez que para este grupo populacional, tais fatores, em particular o custo de deslocamento pode impor sérios constrangimentos para a migração. Dessa forma, qualquer tipo de ajuda com que contem estes migrantes, em especial nas áreas de destino, certamente lhes será importante para amenizar os possíveis impactos desta mudança e, portanto, torná-los menos vulneráveis aos primeiros momentos no novo lugar. Pelos dados relativos ao local onde foram morar os responsáveis migrantes de fora da região em sua chegada pode-se ter uma idéia da dimensão destes impactos. Grande parte dos responsáveis pelos domicílios migrantes, ao chegarem à RMBS, foram morar em domicílios alugados (39%) ou próprios (27%), muito embora o percentual que indica a ajuda externa seja importante, alcançando cerca de um quarto dos casos (casa de parentes e/ou cedida). É interessante notar que a opção por áreas de ocupação é praticamente nula, uma vez que atinge menos de 5% desses migrantes. No entanto, essa situação ganha outros contornos quando se considera a informação desagregada por ZVs. De fato, nesse caso fica muito claro que o apoio de parentes é um expediente bem mais comum entre aqueles residentes na ZV1 – o mesmo valendo para outras formas como a "casa cedida" ou mesmo "área de ocupação", cujo percentual nessas áreas é mais que o dobro que nas ZVs 2 e 3. São dignos de nota também os percentuais obtidos pela opção "casa própria" no caso dos migrantes que residem na ZV3 e a "casa alugada" para a ZV2, estratégias que se mostram coerentes com os níveis socioeconômicos destas áreas. Fica claro com estes dados, portanto, a maior importância de elementos de capital social no processo migratório das pessoas que se dirigem para áreas mais vulneráveis da região.

Migrantes responsáveis pelos domicílios urbanos, por forma de obtenção de informações sobre a região, segundo Zonas de Vulnerabilidade

De quem obteve informações?	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
Informações de parentes ou amigos	65,3	64,4	39,6	57,5
Ouviu falar no município onde residia	7,5	9,2	10,9	9,0
Já conhecia o município	23,3	19,1	45,3	28,4
Outra forma	3,9	7,4	4,3	5,1
Total	129.724	98.696	93.559	321.979

Migrantes responsáveis pelos domicílios urbanos e principais formas de obtenção de informações sobre o município de destino, segundo Zonas de Vulnerabilidade

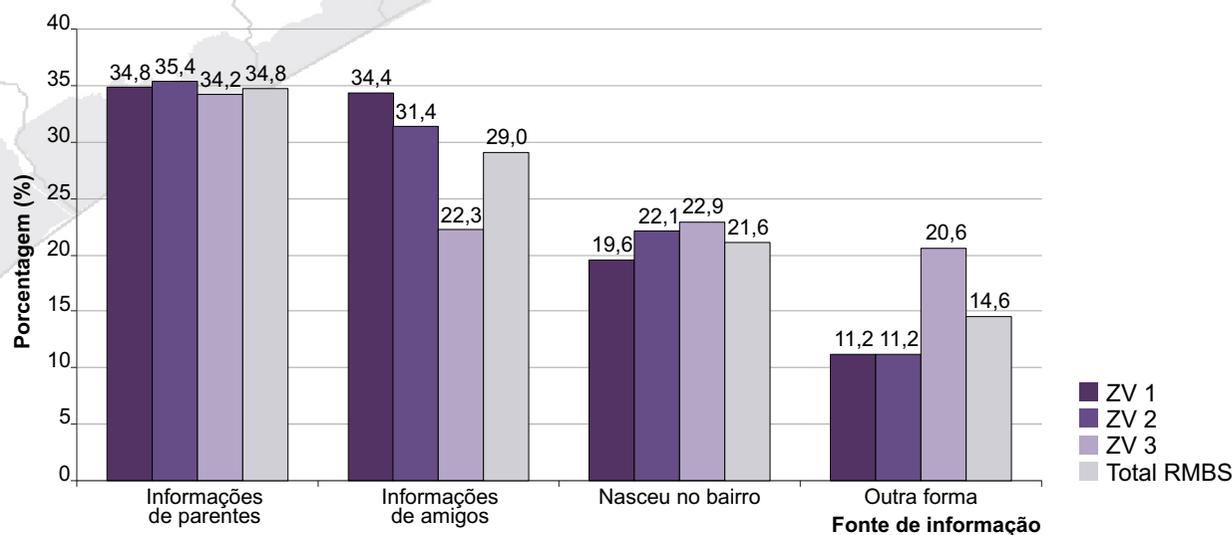


Outra maneira de aquilatar o papel das redes sociais no processo migratório regional é a partir do dado a respeito da maneira como os migrantes obtiveram informações sobre a área. Assim, pela tabela apresentada, percebe-se que quase 60% dos migrantes responsáveis por domicílio inteiraram-se da RMBS por parentes e amigos, cifra que dá a dimensão da importância desse tipo de rede social. Sobre o comportamento dessa variável nas ZVs, o que se constata é que na ZV3 (ou seja, a menos vulnerável segundo a construção teórica dos extratos), a importância de informações de parentes e amigos é bem menos relevante, sendo o conhecimento prévio da região mais presente nos residentes destas áreas.

Responsáveis pelos domicílios urbanos por forma de obtenção de informações sobre o bairro, segundo Zonas de Vulnerabilidade

De quem obteve informações?	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
Informações de parentes	34,8	35,4	34,2	34,8
Informações de amigos	34,4	31,4	22,3	29,0
Nasceu no bairro	19,6	22,1	22,9	21,6
Outra forma	11,2	11,2	20,6	14,6
Total	81.318	82.823	92.419	256.559

Responsáveis pelos domicílios urbanos por principais formas de obtenção de informações sobre o bairro, segundo Zonas de Vulnerabilidade



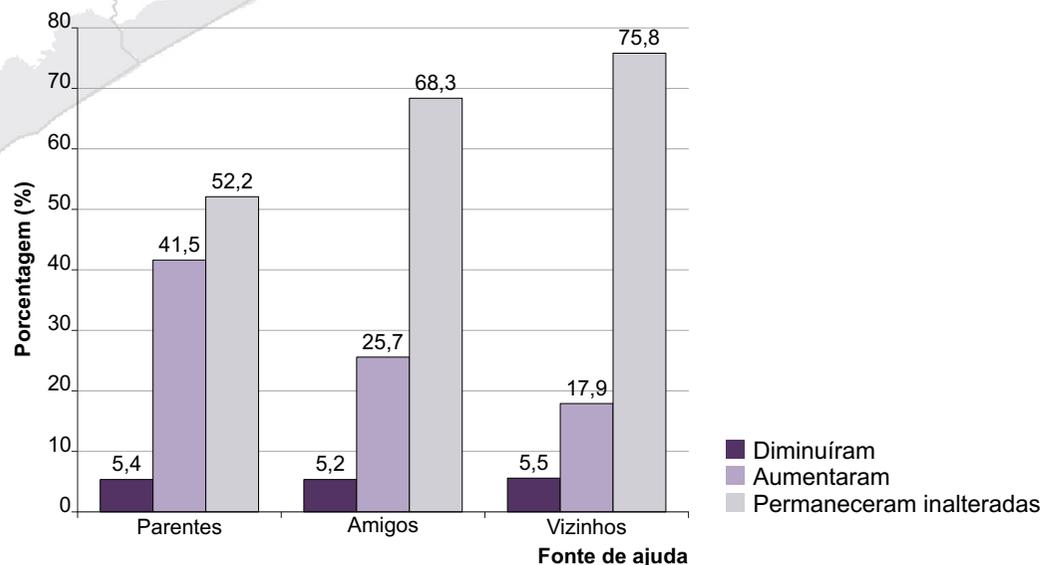
Parentes e amigos também se constituem fonte importante de informações sobre o bairro onde residiam os responsáveis pelo domicílio no momento de pesquisa. De fato, quase 35% destes declaram haver colhido dados sobre o local onde residiam a partir destas pessoas, fato que reforça ainda mais o peso das redes sociais desta feita na mobilidade intramunicipal. No entanto, nesse caso, informações obtidas a partir de outros vínculos também passam a figurar como alternativa importante, já que foi a resposta dada por cerca de 30% dos declarantes. O que se percebe, portanto, é que no caso da escolha e obtenção das informações sobre o bairro, o leque de alternativas parece ser bem maior. Nesse caso, as diferenças entre as ZVs são muito menos aparentes, embora se perceba que a ZV3 continua apresentando um perfil de resposta um pouco distinta. Vale destacar que no caso do conhecimento prévio sobre o local de residência atual, as diferenças entre as zonas já observadas nos casos anteriores (com relação ao município e região) não se manifestam quando da pergunta sobre o bairro.

Possibilidade dos responsáveis em contar com a ajuda de amigos após a mudança de município, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Possibilidade de contar com a ajuda de...	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS	
	1	2	3		
Parentes	Acabaram ou diminuíram	4,3	5,4	7,2	5,4
	Aumentaram	56,9	26,8	35,5	41,5
	Permaneceram inalteradas	37,9	66,6	56,8	52,2
Amigos	Acabaram ou diminuíram	3,8	4,9	7,7	5,2
	Aumentaram	25,7	24,8	26,7	25,7
	Permaneceram inalteradas	69,6	69,5	65,2	68,3
Vizinhos	Acabaram ou diminuíram	3,5	5,4	8,5	5,5
	Aumentaram	17,2	20,5	16,0	17,9
	Permaneceram inalteradas	78,2	73,3	75,1	75,8
Total	105.514	81.102	71.444	258.060	

obs: não inclui a categoria "não sabe dizer"

Migrantes chefes de domicílios urbanos por implicações da migração intermunicipal nas possibilidades de contar com ajuda, segundo Zonas de Vulnerabilidade



A migração, além de estratégia para a solução de problemas de emprego ou moradia, pode ter papel significativo também na alteração nas relações sociais e rede de apoio, por parte daqueles que migram. Os dados aqui apresentados dão conta dessa dimensão e mostram em primeiro lugar que, ao que tudo indica, a migração parece reforçar, sobretudo, as relações e rede de parentesco, já que mais de 41% dos migrantes responsáveis dos domicílios urbanos perceberam a possibilidade de contar com a ajuda de parentes com a mudança de residência. O mesmo não pode ser dito com relação às relações com amigos e vizinhos já que, nos dois casos, percebe-se que foram pouco alteradas (68,3% e 75,8%, respectivamente). De qualquer maneira, mesmo nessas duas situações, é ainda significativa a proporção de migrantes que declararam ter incrementado suas possibilidades de ajuda com o movimento. Deve-se destacar ainda que o diminuto percentual de resposta na categoria "acabaram ou diminuíram" mostra que, ao menos para os migrantes da RMBS, ao que tudo indica, a migração acabou sendo um mecanismo de aquisição de capital social. Do ponto de vista das ZVs, o que se percebe com estes dados é que os migrantes residentes nas áreas mais vulneráveis da região (ZV1) parecem ter obtido ganhos em suas relações sociais, especialmente porque, para quase 60% deles, houve aumento na possibilidade de contar com a ajuda de parentes. De fato, é nessa ZV onde se encontra a menor proporção de respostas "permaneceram inalteradas".

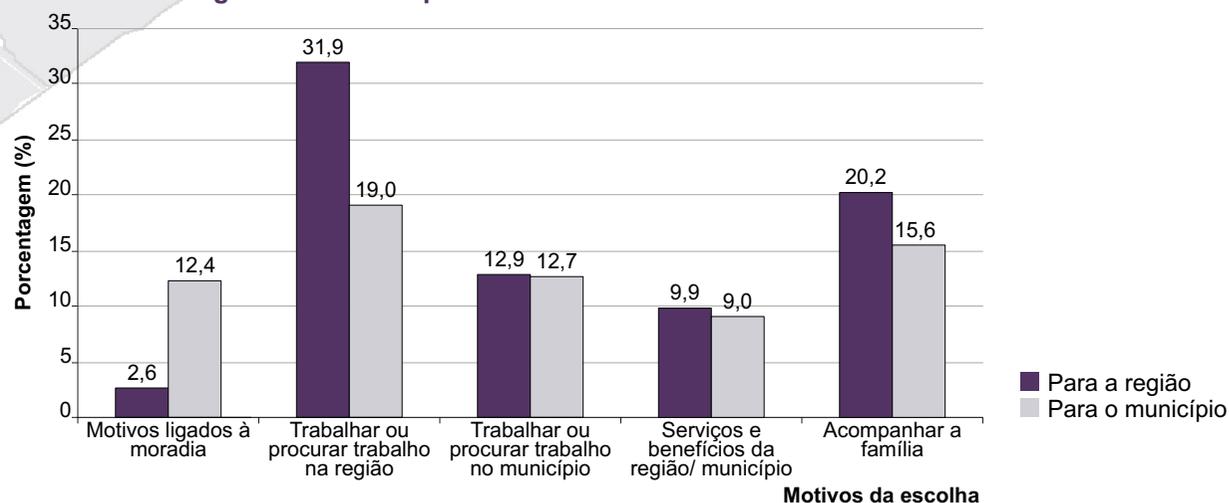
Responsáveis pelos domicílios urbanos por motivo da escolha da região, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Motivos	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
Motivos ligados à moradia	2,9	3,1	1,8	2,6
Trabalhar ou procurar trabalho na região	43,8	28,0	19,7	31,9
Trabalhar ou procurar trabalho no município	7,5	18,7	14,4	12,9
Foi transferido do emprego	1,6	1,9	1,7	1,7
Serviços e benefícios da região / município	4,8	8,1	18,9	9,9
Acompanhar a família	19,5	22,0	19,3	20,2
Outros motivos familiares	4,4	3,0	6,5	4,6
Outros	15,6	15,2	17,7	16,1
Total	129.723	98.695	93.561	321.979

Responsáveis pelos domicílios urbanos por motivo da escolha do município, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Motivos	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
Motivos ligados à moradia	15,0	15,1	5,3	12,4
Trabalhar ou procurar trabalho na região	25,4	14,7	14,2	19,0
Trabalhar ou procurar trabalho no município	7,1	17,3	16,0	12,7
Foi transferido do emprego	1,4	0,3	1,3	1,0
Serviços e benefícios da região / município	5,1	6,3	17,8	9,0
Acompanhar a família	14,7	16,9	15,3	15,6
Outros motivos familiares	9,0	7,1	7,6	8,0
Outros	22,3	22,3	22,5	22,4
Total	151.594	111.650	101.836	365.080

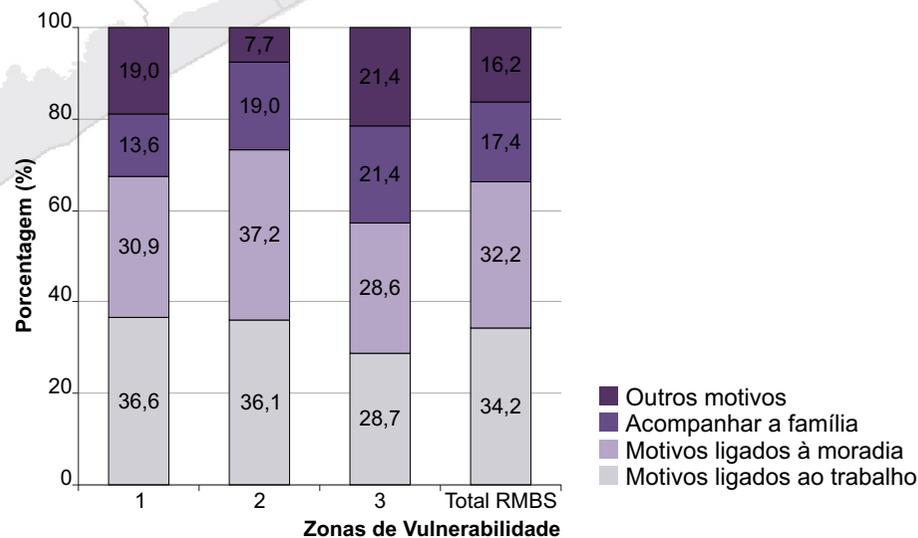
Responsáveis pelos domicílios urbanos segundo principais motivos da escolha da região e do município de residência



Como mostram as duas tabelas apresentadas, fica claro que as motivações predominantes para morar na RMBS e em um município metropolitano, em particular, são, em geral, as mesmas. Também no primeiro caso, o fator trabalho é muito mais importante, sendo o motivo externado por cerca de 32% dos responsáveis por domicílios. Já no segundo caso, ou seja, na escolha do município, parecem pesar outros elementos, como seria de se esperar, tal qual a busca por moradia (ver também o gráfico). De fato, como já assinalado, o significativo volume da migração intrametropolitana de motivação habitacional - em geral influenciado pelas dificuldades de permanecer nas áreas mais valorizadas, por partes dos estratos mais pobres -, acaba prevalecendo ou se equiparando com o motivo trabalho. De qualquer maneira, tendo em vista que a migração direta para os locais de residência atual é também importante na região, a questão de busca por trabalho não deixa de se constituir de maior percentual, inclusive no caso da migração para o município. Vale lembrar ainda que o importante percentual alcançado pelo motivo "acompanhar a família" certamente está ligado ao fato de que estes responsáveis tenham migrado ainda muito jovens com a sua família original. Em termos das ZVs, observa-se que o motivo "trabalho" é muito mais significativo na ZV1, onde, sabe-se, vivem as pessoas de mais baixa renda. Já nas ZVs com menor grau de vulnerabilidade, outros motivos afloram como importantes, como é o caso da busca por "serviços", que motivou quase um quinto dos migrantes responsáveis residentes na ZV3 a se mudarem para a área. Esse fato também se mostra coerente com as características da região e, particularmente, das áreas onde se localizam estas pessoas, ou seja, locais próximos à orla, com óbvias amenidades, e com um complexo de serviços importantes a oferecer, por exemplo, para as pessoas mais idosas.

Migrantes responsáveis pelos domicílios urbanos por motivo da saída do município anterior, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Motivo da saída da residência anterior	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
Falta de trabalho	31,3	26,3	16,5	25,7
Falta de moradia	4,7	5,3	1,3	3,9
Não podia pagar o aluguel	10,1	6,1	3,6	7,1
Condições insatisfatórias de trabalho	5,2	9,9	12,2	8,6
Condições insatisfatórias de moradia	15,5	25,2	22,8	20,5
Foi removido de uma ocupação	0,5	0,6	0,9	0,7
Para estudar	0,0	0,0	0,9	0,3
Buscar atendimento médico na região	1,6	2,3	2,0	2,0
Acompanhar a família	13,6	19,0	21,4	17,4
Outros	17,4	5,3	18,4	14,0
Total	150.848	110.828	99.879	361.555

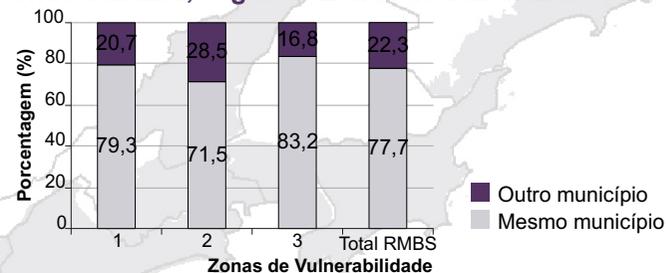


O quadro de motivações para a migração fica ainda mais claro quando se observam os motivos que levaram os migrantes a deixar seus municípios de residência anterior. Como se nota nos dados apresentados, três motivações cercam a maior parte daqueles que migraram: as ligadas ao trabalho (34,2%), problemas de moradia (32,2%) e a necessidade de acompanhar a família (17,4%). Nesse último caso, pode-se dizer que se trata de pessoas que migraram com seus pais ou familiares quando ainda eram jovens. Já quanto às duas primeiras motivações, dados não mostrados nesse sumário dão conta de que as motivações laborais são bem mais frequentes para os migrantes que chegam diretamente de áreas externas à RM (cerca de 44%), sendo que as ligadas à habitação são externadas por 50% do migrantes que fizeram um movimento intrametropolitano. Saliente-se que esse padrão já foi identificado também no caso das motivações que levaram à escolha da região e do município de residência no momento da entrevista. Em termos das ZVs, novamente percebe-se que a questão do trabalho é muito mais importante na ZV1 do que na ZV3, mostrando que esse é, sem dúvida, um elemento central para diferenciar a migração dos distintos grupos sociais. Por outro lado, a insatisfação com a moradia e trabalho parece afetar com maior intensidade a decisão migratória daqueles que residem nas zonas de menor vulnerabilidade, fato que reforça conclusões de outros estudos, que sugerem que a RMBS tem um papel importante no processo migratório das classes mais abastadas, particularmente aquelas provenientes da Região Metropolitana de São Paulo, e que buscam lugares mais tranquilos e agradáveis para se morar.

População urbana maior de 14 anos por condição de atividade e local de trabalho, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Condição de atividade e local de trabalho	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
Trabalha no mesmo município	40,8	37,3	40,3	39,5
Trabalha em outro município	10,7	14,9	8,1	11,3
Não trabalha	48,6	47,8	51,5	49,2
Total	497.294	432.928	370.150	1.300.372

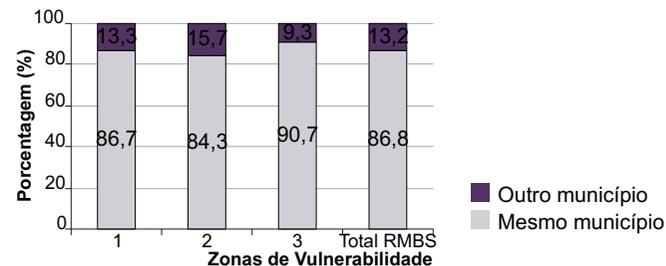
População urbana ativa maior de 14 anos por município onde trabalha, segundo Zonas de Vulnerabilidade



População urbana maior de 14 anos por local de estudo, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Condição e local de estudo	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
Estuda no mesmo município	9,7	12,6	10,4	10,9
Estuda em outro município	1,5	2,3	1,1	1,6
Não estuda	88,9	85,0	88,5	87,5
Total	497.294	432.928	370.150	1.300.372

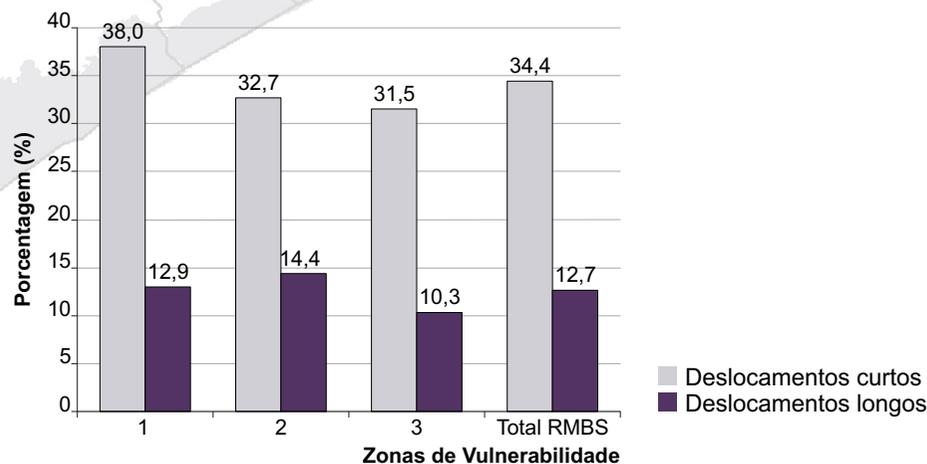
Estudantes maiores de 14 anos por local de estudo, segundo Zonas de Vulnerabilidade



Um elemento importante que se relaciona à mobilidade do indivíduo e que tem papel de destaque para se apreender a dinâmica metropolitana é a mobilidade pendular, entendida aqui como o deslocamento diário entre municípios por motivos de trabalho ou estudo. Como se percebe nas tabelas ao lado, considerando apenas as pessoas com mais de 14 anos de idade na Baixada Santista, constata-se que praticamente metade delas não trabalha, e 87% não estudam. No entanto, ao observar apenas aquelas que exercem uma destas atividades, pode-se perceber que a mobilidade intermunicipal, embora alcance níveis baixos na região, é mais intensa por motivos de trabalho. De fato, como mostra o gráfico, pouco mais de 20% da população maior de 14 anos que se encontrava ativa no momento da pesquisa trabalhava fora do município onde residia; este percentual era bem menor para os que estudavam (13%). Chama a atenção, no entanto, que a mobilidade pendular não apresenta grandes diferenças entre as ZVs, não obstante seja possível evidenciar pelo gráfico maior prevalência do fenômeno (quase 30% dos que trabalhavam) na ZV3, onde se registra o menor nível de mobilidade residência/trabalho envolvendo municípios distintos. Certamente isto ocorre porque grande parte desta zona esteja contida nos municípios de Santos e São Vicente, que concentram, também, boa parcela dos empregos regionais. Com relação ao local de estudo, não há diferenças significativas entre as zonas de vulnerabilidade uma vez que, como já mencionado, a população que se desloca para outro município para estudar é muito pequena em termos percentuais. É importante notar que esse dado mostra-se em consonância com aquele relativo à migração intrametropolitana já que, como se mostrou, a ZV2 concentrava uma participação maior de pessoas que vieram da própria Baixada (migrantes intrametropolitanos). Ou seja, estes dados sugerem que estas pessoas parecem manter ainda seus contatos de trabalho e estudo nos municípios de onde vieram.

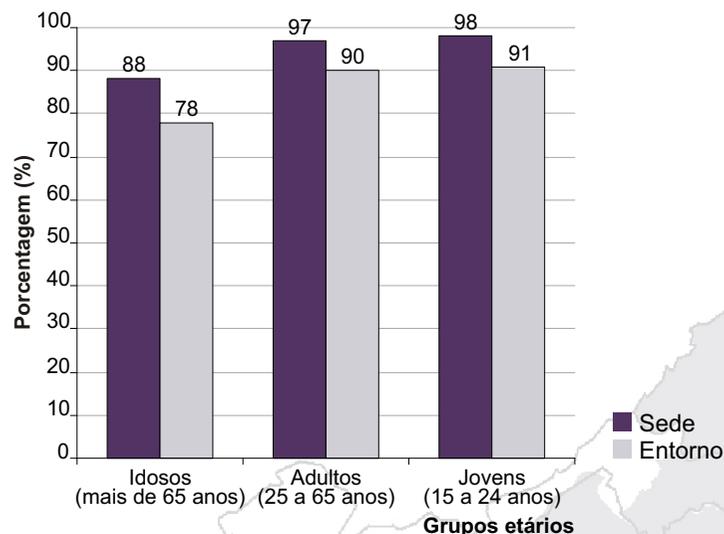
População residente urbana ocupada por tempo de deslocamento para o trabalho, segundo Zonas de Vulnerabilidade

Tempo de duração (minutos)	Zonas de Vulnerabilidade (%)			Total RMBS
	1	2	3	
< 15	38,0	32,7	31,5	34,4
Mais de 15 a 30	29,3	32,8	42,5	34,1
Mais de 30 a 45	19,8	20,0	15,7	18,7
Mais de 45	12,9	14,4	10,3	12,7
Total	250.639	216.422	177.048	644.109

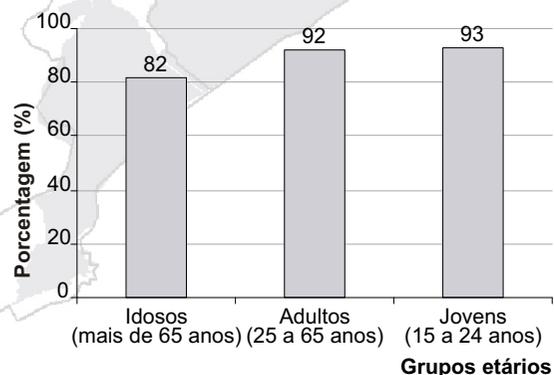


A maioria população que se desloca para o trabalho (68%) na Baixada Santista demora até 30 minutos para chegar a seu destino. Os que demoram mais de 45 minutos são menos de 13% desta população. Os perfis da ZV1 e da ZV2 são parecidos a este. No caso da ZV3, esta apresenta alguma variação de comportamento, uma vez apresenta maior concentração de pessoas cujo tempo de deslocamento para o trabalho é de 15 a 30 minutos (42%). De qualquer maneira, as diferenças apresentadas na distribuição por tempo de duração do deslocamento são bem pequenas para as três ZVs, fato que não deixa de ser uma surpresa, uma vez que se esperaria que as ZVs mais vulneráveis, em geral localizadas nas áreas mais periféricas e distantes, apresentassem pior situação com relação a este indicador. Talvez a especificidade da região em termos de sua morfologia e concentração demográfica em poucos municípios possa explicar tal comportamento, uma vez que ambas as características tenderiam a diminuir a dispersão demográfica e, portanto, as distâncias a serem percorridas.

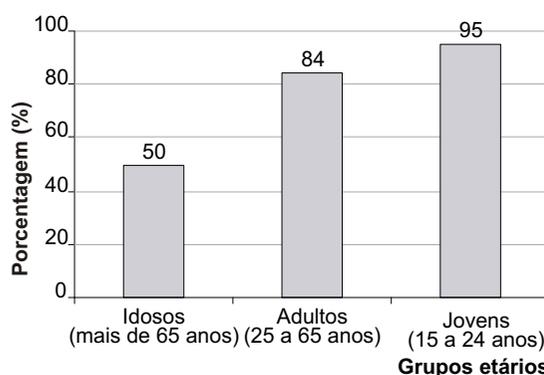
Mobilidade por motivo de lazer ou cultura, segundo grupos etários



Pessoas que praticam duas ou mais atividades de cultura e lazer por grupos etários



Pessoas que praticam atividades de cultura e lazer em pelo menos um município diferente do seu por grupos etários



Um conjunto de perguntas procurou levantar informações sobre deslocamentos para lazer, cultura e serviços, tais como ir ao cinema, shows, teatros, festas, serviços médico-hospitalares, etc. As perguntas foram bastante específicas, incluindo o lugar, a frequência e a forma de deslocamento. Cada pergunta foi feita por faixa etária (jovens, adultos e idosos), não incluindo as crianças, pois estas têm, com raras exceções, deslocamentos intermunicipais apenas acompanhados pelos pais ou outros adultos responsáveis. O resultado é muito interessante e ainda será adequadamente explorado em toda sua complexidade. Aqui, apresentamos algumas das principais informações que esses dados revelam.

Em todas as faixas etárias, a mobilidade em busca de atividades de cultura e lazer tende a ser maior entre a população que reside na sede, do que entre os que moram no entorno. Embora haja maior mobilidade entre os mais jovens, a diferença não é muito significativa entre as faixas etárias, o que aponta para a conclusão de uma elevada mobilidade, inclusive dos mais idosos, entre a população da sede. Entre as atividades mais significativas nesse grupo estão: ir ao cinema e bares, festas, shows.

Em termos da interação entre as cidades - característica de áreas metropolitanas onde os espaços apresentam complementaridades - a distribuição por faixas etárias mantém a mesma orientação, com um percentual menor de idosos que desenvolvem em atividades culturais ou de lazer em municípios diferentes do seu (embora ainda com um índice elevado, 50%). No que diz respeito ao percentual de jovens que fazem isso, o índice chega a 95%. No que se refere à diversidade de atividades, os idosos apresentam uma participação bem maior, tendo 82% que afirmam desenvolver duas ou mais atividades. Embora não participem de uma mobilidade metropolitana com a mesma intensidade que adultos ou jovens, mantêm uma diversidade significativa de atividades de cultura e lazer em seu cotidiano.

Já no caso dos jovens e adultos, a pequena diferença entre esses dois dados aponta para o fato de que ir a outras cidades implica atividades variadas, interligadas ou não à mobilidade em si, à distância e ao custo do deslocamento.